

HISTÓRIA POLÍTICA:

Cultura, trabalho e narrativas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



 **Atena**
Editora
Ano 2022

HISTÓRIA POLÍTICA:

Cultura, trabalho e narrativas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



História política: cultura, trabalho e narrativas

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Willian Douglas Guilherme

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História política: cultura, trabalho e narrativas / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0664-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.648221909>

1. Política - História. 2. Ciências sociais. I. Willian Douglas Guilherme (Organizador). II. Título.

CDD 320.9

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Tenho o prazer de apresentar a obra “História política: Cultura, trabalho e narrativas” onde selecionamos quatro artigos para compor este trabalho.

Em um texto fascinante, Zamora apresenta parte da história do “jovem Ernesto Guevara de la Serna”, o Che Guevara, que aos 26 anos teria passado pelo México. Zamora demonstra como a passagem de Guevara pelo teria sido crucial para o seu destino revolucionário, ali, teria conhecido não somente a sua futura esposa, como o próprio Fidel Castro.

O texto de Guazzelli resgata uma parte importante da história do Brasil, a Guerra dos Farrapos, mostrando, por meio do estudo da obra “Netto perde sua alma” como a memória deste líder se mantém no ideário e imaginários regionais ainda hoje. É uma oportunidade de conhecermos um pouco mais da fascinante história do nosso país.





Moraes e Pabis trazem sua contribuição para a história da educação por meio das “lembranças históricas de um ex-aluno de uma escola rural”, onde perceberam que a população camponesa estudada ficou à margem da legislação educacional, sobretudo, anterior à promulgação da Constituição Federal de 1988.

Também sobre a história do Brasil, Pires, Machado e Melquiades apresentam um estudo que demonstra os planos dos EUA para dominação ideológica do Brasil. Partem do estudo da revista “Em Guarda” que seria uma espécie de chamariz para recrutamento para a Segunda Guerra Mundial.

Uma ótima leitura a todos!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EL CHE GUEVARA EN MÉXICO	
Alejandro Sainz Zamora	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6482219091	
CAPÍTULO 2	31
A ALMA PENADA DE ANTÔNIO DE SOUZA NETTO: UM SENHOR DA GUERRA NA LITERATURA E NA HISTÓRIA (1835-1865)	
Cesar Augusto Barcellos Guazzelli	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6482219092	
CAPÍTULO 3	42
EDUCAÇÃO DO CAMPO: HISTÓRIA E POLÍTICAS EDUCACIONAIS CONQUISTADAS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI	
Marcelo Rodrigues de Moraes	
Nelsi Antonia Pabis	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6482219093	
CAPÍTULO 4	59
O PODER BRANDO COMO ARMA DE SEDUÇÃO DO BIG STICK EM VOLTA REDONDA SOB A ÓTICA DA REVISTA EM GUARDA: PARA A DEFESA DAS AMÉRICAS (1941-1945)	
Adson Luiz Trocades Pires	
Matheus Campos Machado	
Welder Barbosa Melquiades	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6482219094	
SOBRE O ORGANIZADOR	69
ÍNDICE REMISSIVO	70

CAPÍTULO 1

EL CHE GUEVARA EN MÉXICO

Data de aceite: 01/09/2022

Alejandro Sainz Zamora

RESUMEN: El paso por México del joven Ernesto Guevara de la Serna, con apenas 26 años, representará un periodo crucial que marcará el futuro de su vida. Durante un poco más de dos años de estancia en el país (18 de septiembre de 1954 al 25 de noviembre de 1956), se presentarán una serie de acontecimientos fundamentales: se reencontrará con Hilda Gadea, a quien había conocido en Guatemala y con la que más tarde se casará, procreando a su hija Hildita; de forma casual se reencontrará en la Ciudad de México con Antonio Níco López (participante del ataque al Cuartel Moncada), quién lo contactará, primero con Raúl Castro y poco después con su hermano Fidel, para después enrolarse, ya como el Che Guevara, al grupo de expedicionarios que en noviembre de 1956 partirán a Cuba para iniciar la lucha revolucionaria.

GUATEMALA, LOS PROLEGÓMENOS

El segundo periplo de Ernesto Guevara por Latinoamérica inicia en julio de 1953 e incluye nueve países, entre ellos Bolivia, Perú, Ecuador, Panamá, Costa Rica, Nicaragua y El Salvador. El 20 de diciembre de ese año llega a Guatemala con el propósito principal de conocer de cerca el proceso político que vive esa nación

¹ Gadea, 2017, pp. 30-31

a través de la reforma agraria, en la que el gobierno expropia alrededor de siete millones de hectáreas a la *United Fruit*.

Dos días después de su llegada al país centroamericano y por conducto del Ing. Juan Ángel Núñez, presidente del Instituto de Fomento de Producción de Guatemala, Ernesto conoce a la activista peruana Hilda Gadea Acosta, militante de la Alianza Popular Revolucionaria Americana (APRA), la cual jugará un papel fundamental en esta fase de su vida. De ese primer encuentro Gadea recuerda: *“Guevara me impresionó negativamente, pues yo pensaba, bastante a la ligera, que era demasiado bien parecido para ser inteligente... [más tarde iniciaría] entre nosotros una fraternal camaradería, comprendí que valía la pena ayudarlo, pues tenía condiciones para dar algo a la sociedad. Me contó de su enfermedad, el asma, que asomaba desde los tres años”*¹ De igual forma, el 27 de diciembre Ernesto conocerá a Antonio Níco López, quién a la postre lo pondrá en contacto con los expedicionarios que partirían a Cuba.

Mientras tanto, la amistad de Ernesto con Hilda se va estrechando, se ven con mayor frecuencia para discutir sobre política y filosofía, asisten a actos políticos, van al cine y comentan sobre lecturas comunes. Al respecto, Gadea señala: *“ambos habíamos leído todas las novelas precursoras de la Revolución Rusa...*

en cuanto a cultura general, habíamos leído casi lo mismo: los clásicos, los modernos, e incluso también nos gustaban las novelas de aventuras... Respecto a militancia política, [Ernesto] me contó que había participado en algunas manifestaciones antiperonistas con su padre. En la universidad trabajó al lado de la Juventud Comunista por poco tiempo, pero se separó porque estaban muy alejados del pueblo. Había salido de la Argentina no por motivos políticos, sino para conocer a fondo los problemas de Latinoamérica”². En este sentido, afirma que “fue a raíz de su aventura guatemalteca cuando comenzó a leer con profusión a Marx y Lenin y pronto poseyó una completa biblioteca marxista.”³

En enero de 1954 Hilda le presenta a Ernesto a un grupo de activistas cubanos, conociendo información sobre el ataque al Cuartel Moncada.

En marzo de ese año, Ernesto le escribe un poema a Hilda, años después ella comentará: “No le demostré mayor entusiasmo, aunque me impresionó profundamente... El poema era corto, pero muy hermoso y fuerte. Me explicaba que no sólo quería belleza, sino camarada”⁴. En una carta enviada a su madre en abril, Ernesto la menciona por primera vez la relación que tiene con ella.

En paralelo, el proceso interno del país se torna complicado, “el 18 de junio, la Operación Éxito diseñada por la CIA se materializaba en la invasión del territorio guatemalteco desde la vecina Honduras por tropas mercenarias al mando del coronel Castillo Armas”⁵. Más tarde se produce un golpe militar y el presidente sale al exilio. A partir de este hecho, Ernesto escribirá su primer artículo político titulado: Yo vi la caída de Jacobo Árbenz. De acuerdo con David Atlee, en ese entonces jefe de la CIA en Guatemala, durante los días del golpe “la agencia de espionaje norteamericana le abrió expediente a ese médico argentino.”⁶

Ante lo complicado de la situación política, Hilda recuerda: “Ernesto me dijo que viajaría a México a trabajar un tiempo, y después a China. Trataba de convencerme diciéndome que en México nos íbamos a casar...había transcurrido una semana de los hechos violentos cuando una tarde pensé traer mi ropa y mis libros de la pensión... pero me detuvieron unos policías vestidos de civil y me preguntaron quién era... Fui llevada a Santa Teresa, la cárcel de mujeres”⁷. Como una forma de presión para ser liberada, realiza una huelga de hambre, logrando su libertad el 28 de julio.

Un mes después, el gobierno argentino envía un avión militar a Guatemala para trasladar a los ciudadanos argentinos a su patria, Ernesto no acepta el ofrecimiento, prefiere arreglárselas por su cuenta y decide viajar a México. Antes de su partida le pide a Hilda que lo acompañase al tren. “Al llegar a la estación de la ciudad de Guatemala para dirigirme a casa... fui interceptada por dos hombres... Me pidieron mis papeles y al identificarme, me

² *Ibid*, pp. 44-45

³ Giménez, 2015, p. 3

⁴ Gadea, *op. cit.* pp. 47 y 65-66

⁵ Huertas, 2015, p. 14

⁶ O'Donnell, 2003, p. 110

⁷ Gadea, *op. cit.* pp. 73, 80 y 83

dijeron que estaba detenida, que recogiera mis cosas porque me sacaban del país hacia México.”⁸

MÉXICO, LA GRAN AVENTURA

En su último día en Guatemala, Ernesto escribe en su diario: *“inicio la gran aventura a México... Me junté de entrada con un buen muchacho guatemalteco, estudiante de ingeniero, se llama Julio Roberto Cáceres Valle [El Patojo]. El viaje hasta México lo hicimos juntos”⁹*. Años después, Ernesto recordará a su amigo: *“Era de muy pequeña estatura, de físico más bien endeble; por ello le llamábamos El Patojo, modismo guatemalteco que significa pequeño, niño... El Patojo era varios años menor que yo, pero enseguida entablamos una amistad que fue duradera... juntos afrontamos el mismo problema, los dos sin dinero derrotados teniendo que ganarnos la vida en un medio indiferente cuando no hostil.”¹⁰*

El 18 de septiembre de 1954, Ernesto Guevara con visa de turista (FM 5-599511) llega a Tapachula, Chiapas por vía férrea y tres días después a la Ciudad de México, donde al parecer, se hospeda en el Hotel Melchor Ocampo. En ese periodo, gobierna Adolfo Ruíz Cortines, al que se le recordará por llevar a cabo *“una política conservadora, el presidente priista ordenó una sorpresiva y brusca devaluación, que puso el dólar por las nubes con las inevitables consecuencias: fuga de capitales, obsesión por comprar dólares, caída de las reservas a la mitad, empobrecimiento de la clase “media”, aumento de la pobreza.”¹¹*

Desde su llegada a México *“es sorprendente ver con qué constancia mantiene el contacto con los miembros de su tribu argentina. Con la madre, interlocutora privilegiada, con el padre, a quien escribe aparte porque sus padres están separados, con la tía Beatriz, con la inteligente Tita Infante, su amiga comunista”¹²*. Su primera carta fechada el 30 de septiembre, la dirige a la tía Beatriz, en la cual expresa: *“México, la ciudad, o mejor dicho el país de las mordidas, me ha recibido con toda la indiferencia de un gran animal, sin acariciarme ni enseñarme los dientes.”¹³*

⁸ *Ibid*, pp. 73 y 80

⁹ Guevara E. 2001, p. 77

¹⁰ Guevara E. 2002. pp. 512-514

¹¹ Medina, 2007, p. 84

¹² Kalfon, 1997, p. 145

¹³ Citado por Anderson, 1997, p. 156



Imagen 1: Ciudad de México en los años 50

Falto de recursos económicos, Ernesto busca empleo, el cual “*va a surgir de una manera accidental, como todo en estos últimos años. El dueño de Foto Taller [Rafael del Castillo Baena], un refugiado español contará: “yo estaba establecido en la esquina de Morelos. Me lo mandó un amigo mío que tenía un negocio de fotografía en la calle de San Juan de Letrán... le di una cámara sin ningún compromiso. El día que tuviera dinero me la iría pagando como pudiera”* ¹⁴. Así, junto con *El Patojo*, por las tardes y fines de semana se dedican a tomar fotografías en diversos parques públicos como Chapultepec y la Alameda Central.

En octubre Hilda es expulsada de Guatemala y pasa un corto tiempo en Tapachula, “*a los ocho días de estar en territorio mexicano me llegó una comunicación de la Secretaría de Gobernación, diciéndome que tenía el asilo político, lo que me permitía trasladarme a la capital*” ¹⁵. Llegando a la Ciudad de México “*se lanza a la búsqueda de Ernesto, Tiene éxito. Se encuentran en el hotel Roma, cerca del cuchitril que él comparte*” ¹⁶ con *El Patojo*. En su diario, Ernesto comenta: “*me mudé a una pieza como la gente, en el centro de la ciudad [calle de Bolívar] por la que pago 100 pesos al mes. Tiene baño para nosotros dos y derechos a cocina*”. A las pocas semanas, Hilda se muda a una pensión en la calle de Reforma para compartirla con la poetisa y exilada venezolana Lucila Velázquez, cuyo

¹⁴ Citado por Taibo, 1996, p. 82

¹⁵ Gadea, op. cit., p. 99

¹⁶ Cormier, 1997, p. 75

verdadero nombre era Olga Lucila Carmona Borjas, quienes meses después se mudan a la calle de Pachuca 108.

Por otra parte, *“también mejora la situación laboral de El Patojo, que, de repartidor a domicilio de las fotos de niños y fiestas, asciende a velador nocturno de la librería del Fondo de Cultura Económica. De vez en cuando Ernesto lo acompaña velando dentro de un saco de dormir en medio de la estantería y aprovechando para leer”*¹⁷. En dicha librería, donde se encuentran las oficinas de la editorial, Ricardo Rojo pone en contacto a Ernesto con su compatriota Arnaldo Orfila Reynal, relación que le permitirá tener *“unos ingresos como vendedor de libros a plazos y, por otra parte, gracias a ello devoró las más costosas ediciones sobre marxismo y leninismo, acompañadas de obras sobre estrategia militar, o la guerra civil española.”*¹⁸

A fines de año, Ernesto le escribe una carta a su madre en donde le cuenta: *“Mis planes inmediatos contemplan unos seis meses de permanencia en México que me interesa y me gusta mucho, y en ese tiempo pedir como de pasada la visa para conocer bien a los ‘hijos de la gran potencia.’”*¹⁹. En diciembre escribe un pequeño ensayo:

El Dilema de Guatemala
(fragmento)

Cuando oí nuevamente la palabra ‘libertinaje’ usada para calificar a Guatemala sentí temor por esa pequeña república. ¿Es que la resurrección del sueño de los latinoamericanos, encarnado en este país y en Bolivia, estará condenado a seguir en camino de sus antecesores? Aquí se plantea el dilema.

Durante sus primeros tres meses en México, Ernesto consigue trabajo, primero como fotógrafo y después como médico en el Pabellón 21 de Alergia del Hospital General, lo que le permite rentar una modesta vivienda y se vuelve a encontrar con Hilda.

UN VUELCO EN SU VIDA

Comienza el año de 1955, Ernesto e Hilda, con cierto distanciamiento siguen como amigos, *“para reconciliarse después de su ausencia en Año Nuevo, [Ernesto] le hizo un regalo tardío: un ejemplar en miniatura del clásico argentino Martín Fierro de José Hernández... Escribió una dedicatoria que a ella seguramente la exasperó por su ambivalencia, pero no obstante consideró una prueba de sus sentimientos. A Hilda, para que en el día de nuestra separación conserves el sentido de mi ambición de nuevos horizontes y mi fatalismo*

¹⁷ Taibo, op. cit., pp. 83-85

¹⁸ Giménez, op. cit., p. 40

¹⁹ Guevara E. 2001, op. cit. p 171

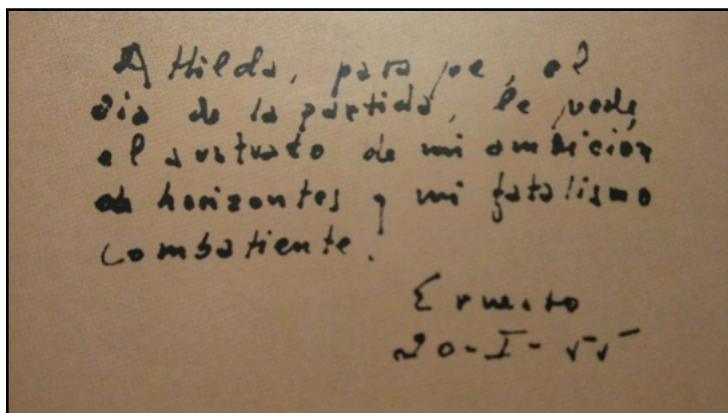


Imagen 2: Dedicatoria de Ernesto a Hilda en el libro Martín Fierro

El 19 de febrero Ernesto escribe a su padre y le explica sus intenciones: *“conseguir una beca para Francia, estarme un año allí y luego rumbar para la Cortisona [países socialistas] en la forma que pueda; y siempre el camarada Mao en el final de la etapa raidista, o casi en el final, pues India está en el itinerario. México está totalmente entregado a los yanquis, hasta el punto de que a la llegada de Nixon le metieron presos a todos los nacionalistas portorriqueños y otras yerbas, y los tienen secuestrados sin que se sepa dónde. La prensa no dice nada y está prohibido hablar a los diarios so pena de clausura. Es mucho más peligroso que la policía mexicana el F.B.I., que aquí anda como Pedro por su casa y hace detenciones tranquilamente. Ese es el panorama político, el económico es terrible, las cosas suben en forma alarmante y la descomposición es tal que todos los líderes obreros están comprados y hacen contratos leoninos con las diversas compañías yanquis hipotecando las huelgas por uno o dos años.”*²¹

A fines de ese mes, Hilda y Ernesto hacen un viaje de fin de semana a Toluca y a principios de marzo éste conoce al doctor Alfonso Pérez, director de la filial mexicana de la Agencia Latina de Noticias, el cual lo invita a participar como reportero y fotógrafo en los II Juegos Panamericanos, realizados del 12 al 26 de marzo, teniendo como sede el Estadio de Ciudad Universitaria.

²⁰ Citado por Anderson, op. cit., p. 160

²¹ Citado por Guevara L. 1988, pp. 88-89

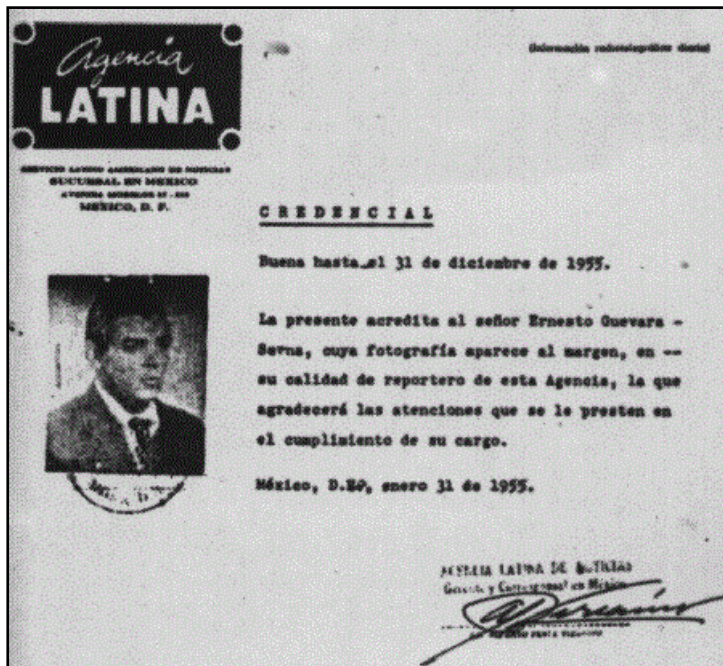


Imagen 3: Credencial de Agencia Latina

Ernesto apunta en su diario: “*mis proyectos son más simples: hasta marzo trabajo en alergia y presentar el trabajo; mayo, junio y julio viajar por México de norte a sur y de este a oeste; julio-agosto irme a Veracruz y quedarme hasta que consiga un barco para Cuba o Europa*”²². El 23 de abril, participa en el IX Congreso Nacional de Alergistas, realizado en León, presentando el trabajo: Investigación cutánea con antígenos alimentarios semidigeridos. Dicho trabajo será condición para que éste sea aceptado en el área de Alergia del Hospital General dirigido por el doctor Salazar Mayén y tiempo después, al parecer, como profesor asistente de Fisiología en la Facultad de Medicina. Por esos días, Hilda consigue un contrato temporal en la Comisión Económica para América Latina (Cepal) y Ernesto conoce a Laura Meneses de Albizu Campos y a Juan Juarbe, independentistas puertorriqueños.

En otro contexto, gracias a la presión internacional, el 15 de mayo el gobierno cubano establece la Ley de Amnistía que libera de prisión a Fidel Castro, a su hermano Raúl y a otros dieciocho moncadistas encarcelados. Ligado al tema de los cubanos, en junio Ernesto se encuentra en el Hospital General con Níco, quien le comenta de los planes para liberar a Cuba. Por esos días, Hilda y Ernesto realizan un viaje a Cuernavaca para sellar su amor, a su regreso, éste se muda al departamento que Hilda comparte con Lucila.

El 17 de junio Ernesto envía una carta a su madre en la que comenta: “*mi vida extra*

²² Guevara E. 2001, *op. cit.* p. 85

médica continúa en un monótono ritmo dominguero, jalonado por hazañas como la de subir al Popocatepetl (al fin le vi las amígdalas a la Pacha Mama), volcán tutelar de México que tiene 5400 metros; honestamente, para mí fue fácil y apasionante, y como veo que tengo las condiciones mínimas pienso repetir la hazaña en el pico más alto de México y el segundo de la América del Norte, el Orizaba.”²³



Imagen 4: Ernesto con escaladores en el Popocatepetl

El 24 de junio Raúl Castro llega a la Ciudad de México en calidad de exilado y se dirige al departamento de María Antonia González Rodríguez, donde conoce a Ernesto. De ese encuentro, Hilda recuerda, *“la conversación con Raúl fue muy interesante, a pesar de su poca edad –tenía veintitrés o veinticuatro años- y de su juvenil apariencia... Tenía gran fe en Fidel, no porque fuera su hermano, sino como dirigente político. Por eso intervino en el asalto al Moncada, pues estaba convencido de que, en Cuba, así como en gran parte de Latinoamérica ya no había que esperar la conquista del poder por las elecciones. Prometió traernos a Fidel cuando éste llegara a México, y desde entonces venía con Ernesto una vez por semana. A fines de ese mes, Ernesto se muda al departamento que Hilda y Lucila comparten en la calle de Río Rin 42.*

EL ENCUENTRO CON FIDEL

El 7 de julio, Fidel Castro ingresa como exiliado a Mérida, Yucatán, vuela después a Veracruz para finalmente llegar en autobús a la Ciudad de México para organizar la expedición a Cuba. Un día después, afirma Cormier ²⁴, *“hacia las veintidós horas, en una noche fría, tiene lugar el encuentro de Fidel Castro con... Guevara. En el departamento de María Antonia... Allí en el 49 [departamento C] de la calle Emparán, cerca de la plaza*

²³ Guevara L. *op. cit.*, p. 100

²⁴ Cormier, *op. cit.*, p.80

de la Revolución se presenta Fidel [y] explica a su atento interlocutor que en Cuba existen doscientos mil bohíos [chozas de adobe] y que cuatrocientas mil familias, en las ciudades y en el campo, sobreviven hacinadas en tugurios insalubres, con un 90% de niños atacados por los parásitos... Solamente cerca del amanecer Fidel le confía su proyecto de armar un barco hacia Cuba”.

Sobre este trascendental encuentro, Ernesto anotará en su diario: “un acontecimiento político es haber conocido a Fidel Castro, el revolucionario cubano, muchacho joven, inteligente, muy seguro de sí mismo y de extraordinaria audacia; creo que simpatizamos mutuamente”²⁵. Años más éste tarde, éste recordará aquel encuentro: “lo conocí en una de esas frías noches de México, y recuerdo que nuestra primera discusión versó sobre política internacional. A las pocas horas de la misma noche –en la madrugada- era yo uno de los futuros expedicionarios”²⁶. Fidel hará lo mismo al recordar el encuentro: “conocí al Che cuando salí de la prisión y marché a México; eso fue en el año 1955. Ya él había trabado contacto con algunos compañeros que estaban allá. Venía de Guatemala donde había conocido el drama de la intervención de la CIA y de Estados Unidos.”²⁷



Imagen 5: Aspecto reciente del edificio de Amparán.

Durante esos días Ernesto y Raúl Castro “se entrevistan varias veces, tanto en el nuevo hogar que Ernesto comparte con Hilda como en el departamento 29 en la calle Ramón Guzmán #6, donde el joven cubano se ha establecido”²⁸. Por su parte, “una decena de moncadistas cubanos vivían en la capital mexicana. Varios de ellos ocupaban una

25 Guevara E. 2001, *op. cit.* p. 87

26 Guevara E. 1964, p. 10

27 Citado por Ariet, 2010, pp. 57-58

28 Taibo, *op. cit.*, p. 92

*pensión en la calle Gutenberg. Níco López y Calixto García se alojaban en el céntrico Hotel Galveston. Todos se mantenían en contacto con la coordinadora extraoficial María Antonia González, en su apartamento.”*²⁹

Para conmemorar el aniversario del ataque al Cuartel Moncada, el 26 de julio los cubanos organizan un acto en el Monumento a los Niños Héroes, en Chapultepec. Por la tarde Fidel ofrece una comida a sus compañeros, narra Gadea: *“Ernesto me contó que habían acordado publicar el Manifiesto de Fidel, mejor dicho, el discurso de defensa que hiciera en el juicio del Moncada, La Historia me absolverá. El documento sería la bandera de lucha. Era, pues, una reunión histórica, celebrábamos eso y el nacimiento del M-26 de Julio”*³⁰. El 8 de agosto Arsacio “Kid” Vanegas, luchador profesional e impresor, amigo de María Antonia, acepta imprimir en su pequeño taller de la 2ª. Cerrada de Penitenciaría 27, dos mil copias del documento Manifiesto 1 del Movimiento Revolucionario, donde se dan a *“conocer sus objetivos y se exhorta al pueblo de Cuba combatir y rechazar las maniobras de la mayoría de los partidos politiqueros.”*³¹

EL CASAMIENTO CON HILDA

A principios de agosto sucede una situación inesperada. Gadea se da cuenta *“que podía estar embarazada. A su regreso del hospital se lo dije... Teníamos decidido casarnos en la Embajada argentina. Sin embargo, Ernesto consiguió, por medio del colega alcalde del bello pueblecito de Tepotzotlán, la posibilidad de casarnos allí, sin más trámite que el certificado prenupcial y nuestros pasaportes... Ernesto me expresó que Fidel sería nuestro testigo. Después por razones de precaución con Inmigración, me dijo que mejor sería Raúl. El día fijado para el matrimonio fue el 18 de agosto, a los tres meses de nuestra ida a Cuernavaca, fecha que considerábamos nuestro verdadero matrimonio”*. Ernesto no tarda en dar la noticia a sus suegros, en una carta señala: *“debo contarles de nuestros planes futuros con Hilda: esperamos que nazca Don Ernesto”*³². Ante el oficial del Registro Civil se lleva a cabo el *“acto matrimonial Núm. 39, folio Núm. 41 del Libro de Actas de 1955.”*³³

29 Anderson, *op. cit.*, p. 160

30 Gadea, *op. cit.*, pp. 126-127

31 Gálvez, 2002, pp. 357-358

32 *Ibid.*, pp. 129-132

33 *Ibid.*, p. 360

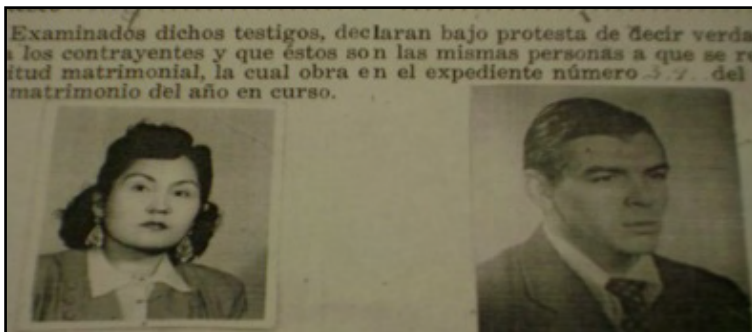


Imagen 6: Acta de matrimonio de Hilda y Ernesto

De ese periodo, Hilda recuerda: *“durante los primeros días de casados, Ernesto estaba muy preocupado por una enferma del hospital a la que llamaba la Vieja María. Muy conmovido me contó que su estado era muy grave, con un asma aguda...Cierta día muy apenado me dijo que la Vieja María posiblemente no pasaba la noche. Se fue al hospital para estar cerca de su lecho, vigilándola, para hacer todo lo posible para salvarla. Esa noche murió ahogada por el asma... Para Ernesto era algo así como la representante, el vivo retrato de la clase más olvidada”*.³⁴

La Vieja María
(fragmento)

*Vieja María, vas a morir,
quiero hablarte en serio:*

Escucha, abuela proletaria:
cree en el hombre que llega
cree en el futuro que nunca verás.

Descansa en paz, vieja María,
descansa en paz, vieja luchadora
tus nietos todos vivirán la aurora,
Lo juro

Hilda apunta: *“desde agosto del 55 se habían iniciado excursiones semanales al Iztacchihuatl y al Popocatepetl, picos de 5.280 y 5.450 metros de altitud, respectivamente, situados cerca de ciudad de México”*³⁵. Sobre este hecho, Ernesto escribirá en su diario: *“como acontecimiento deportivo, debo señalar el ascenso al Popocatepetl, lado inferior por un grupo de esforzados andinistas improvisados, entre los que me encontraba. Es maravilloso y lo quiero repetir con alguna frecuencia.”*³⁶

³⁴ Gadea, *op. cit.* pp. 135, 234-236

³⁵ *Ibid.*, p. 149

³⁶ Guevara E. 2001, *op. cit.* p. 86

En septiembre, un golpe miliar apoyado por los sectores sociales más reaccionarios derroca al presidente argentino Juan Domingo Perón. Hilda recuerda el hecho: *“los cables traían las noticias de la posible caída de Perón, el ultimátum de la Marina, las manifestaciones del pueblo frente a la Casa Rosada. Discutimos mucho, acaloradamente, fueron varios días que pasamos pendientes de las noticias, cablegráficas y de la radio”*³⁷. Sobre estos hechos, el 24 de septiembre Ernesto escribe una carta a su madre comentándole: *“toda la gente católica y de derecha que yo conocí en este país se mostraba también contenta, mis amigos y yo, no; todos seguimos con natural angustia la suerte del gobierno peronista y las amenazas de la flota de cañonear Buenos Aires. [Casi entre líneas le pregunta] “si han recibido la noticia protocolar de mi casamiento y la llegada del heredero, por carta de Beatriz parece que no. Si no es así, te comunico la nueva oficialmente, para que la repartas entre la familia; me casé con Hilda Gadea y tendremos un hijo.”*³⁸

Sobre su nuevo rol de esposo y próximo padre, el 7 de octubre Ernesto le escribe una carta a su tía Beatriz, en la cual le comparte: *“las noticias más importantes de orden afectivo ya las debés de saber por mamá; me casé y espero un Vladimiro Ernesto para dentro de un tiempo; obviamente, yo lo espero, pero mi mujer lo tendrá... A fin de mes me tomo unas vacaciones y nos vamos con Hilda a recorrer la zona devastada y las ruinas un poco más antiguas de los mayas”*³⁹. Ese mes, señala Hilda, *“nos habíamos mudado de casa que compartíamos con Lucila a un departamento para nosotros solos, en la Colonia Juárez, Nápoles, 40”*⁴⁰ departamento 16.



Imagen 7: Aspecto reciente de la calle de Nápoles.

37 Gadea, *op. cit.*, pp. 135 y 141

38 Guevara E. *op. cit.* p. 173

39 Citado por Guevara L. *op. cit.* p. 114

40 Gadea, *op. cit.* pp. 136-137

El 23 de octubre Fidel inicia una gira por Estados Unidos, con la finalidad de conseguir adhesión de los cubanos radicados en ese país sobre su proyecto y apoyo económico para comprar armas. Poco después de su regreso a México, Fidel conoce a *“Antonio del Conde, rebautizado por los cubanos como El Cuate [quién] es el dueño de una pequeña armería en la calle Revillagigedo 47, en el centro de la ciudad de México y, cautivado por Fidel, comienza a suministrar armas a los cubanos... Finalmente, El Cuate se involucra más profundamente aún y ofrece a Fidel un sótano, donde se organizó un primer almacén.”*⁴¹

Por su parte, Ernesto entra en una fuerte dinámica, *“vuelve a su domicilio conyugal agotado, al término de jornadas enloquecedoras en las que acumula, además de su preparación física, su trabajo en el hospital, sus investigaciones científicas, sus escritos de periodista político o sobre el mundo precolombino. Duerme cinco horas por noche. Se ha reducido considerablemente el tiempo de las interminables conversaciones con Hilda”*⁴². La misma Gadea recuerda que *“en esta nueva fase de su vida empezó a interesarse por los estudios de economía. Yo tenía algunos libros de Adam Smith, Ricardo, Keynes, Hansen y otros autores, sobre planificación económica, inversiones, ahorro, devaluación, inflación y otros temas. Cada semana se leía un libro y después cambiábamos impresiones... Además, leíamos muchos libros, especialmente novelas soviéticas: Así se forjó el acero, Todo un hombre, La defensa de Stalingrado... Durante esos meses enriquecimos nuestra pequeña colección de discos, conseguimos música de Beethoven, Schumann, Haydn, Mozart. A Ernesto le gustaba mucho leer con música clásica.”*⁴³

Al respecto, Taibo ahonda: Ernesto: *“estudia ruso en el Instituto de Relaciones Culturales México-URSS, lee muchos libros de economía, incluyendo el primer tomo del capital de Marx... largas caminatas. Viviendo casi todos ellos en el centro-sur de la ciudad, se citaba [con sus compañeros cubanos] en el cine Lindavista, a ocho o nueve kilómetros de sus casas de seguridad y de allí emprendían nuevas caminatas hacia Zacatenco... Vanegas no sólo dirige las caminatas y las subidas a los cerros, también les da entrenamiento en defensa personal en un gimnasio que ha alquilado en las calles de Bucareli... largas caminatas por la calle Insurgentes, ascensos al cerro de Zacatenco, al Chiquihuite o al Ajusco.”*⁴⁴

Bajo este ritmo estresante, Hilda comenta: *“tuvimos que esperar al mes de noviembre, en que me correspondían mis vacaciones, para efectuar nuestro viaje de bodas que no pudimos hacer oportunamente”*⁴⁵. Sobre el viaje Ernesto anota en su diario: *“ya hice mi cacareada ronda circunvalaría por el sureste mexicano, alcanzando a cubrir superficialmente el área maya. Fuimos a Veracruz en tren, un viaje sin interés alguno. Boca del Río es una pequeña localidad de pescadores... Después de cinco días en Veracruz*

41 Taibo, *op. cit.*, pp. 107-108

42 Cormier, *op. cit.*, p. 892

43 Gadea, *op. cit.*, pp. 150-151

44 Taibo, *op. cit.*, pp. 104-105

45 Gadea, *op. cit.* p.142

fuimos en dirección sur en ómnibus. Pasamos primero la noche en el lago Catemaco... seguimos entonces para llegar a pasar la noche en Coatzacoalcos... y de allí nos fuimos en tren a Palenque, llegamos de noche a la estación y nos fuimos en jeep al hotel... Dejamos Palenque en la noche y nos fuimos en el ferrocarril del sureste hasta el pequeño puerto de Campeche... En dos horas de autobús estuvimos en Mérida... Las atracciones principales de Mérida son sus vecinas ciudades mayas en ruinas, de las que visitamos dos de los importantes centros como son Uxmal y Chichen-Itzá... ese mismo día por la noche nos embarcamos rumbo a Veracruz... Descansamos un día en Veracruz y nos largamos a México por el camino de Córdoba donde nos quedamos una hora para conocerla... Cerca de allí está Orizaba... A la salida de esta última, como una dependencia está Río Blanco, donde se produjo una histórica masacre de obreros que reclamaban por la explotación de una compañía yanqui.”⁴⁶



Imagen 8: Viaje de bodas, Ernesto en Campeche

De ese viaje por el sureste de México, Ernesto escribe un poema:

Palenque
(fragmento)

*Algo queda vivo en tu piedra,
hermana de las verdes alboradas
tu silencio
escandaliza las tumbas reales.*

⁴⁶ Guevara E. 2001, op. cit. pp. 88-94

Ya para finalizar el año, el 15 de diciembre Ernesto escribe una carta a su tía Beatriz, en la que le comenta: *“yo sigo mi vida, la aburrida y nuevamente estudiantil vida de todos los días, amenizada sólo por los esporádicos viajes a los volcanes, uno de los cuales, el Ixtaciatl (la mujer dormida, en el idioma vernáculo) fue testigo de mi derrota, pues la nieve, el viento huracanado, los aludes terribles que pasaban anunciando horrible muerte, y un poquito de cagaso (una puntita, como para dar sabor no más) impidieron a la valerosa columna llegar a los fríos pechos de la bella durmiente”*⁴⁷. Sobre sus intenciones de participar en la guerrilla en Cuba, no comenta nada, ni a ella ni a sus padres.

El año de 1955 traerá para Ernesto Guevara varios hechos que darán a su vida un fuerte viraje: conseguirá un trabajo más estable ligado a su profesión de médico; “asentará cabeza” a través de su matrimonio con Hilda Gadea, con lo que dejará a un lado su alma de joven explorador y algo trascendental será el contacto con los combatientes cubanos, conocer a Fidel Castro y ser aceptado como miembro de grupo expedicionario que combatirá en Cuba.

PREPARACIÓN PARA LA FUTURA EXPEDICIÓN

Comienza el año de 1956 y continúan los preparativos para el desembarco en Cuba. Al respecto Kalfon señala: *“el M-26 envía unos cuarenta hombres elegidos a dedo que, uniéndose a los que están ya en México, constituyen una pequeña tropa de sesenta mocetones a los que se trata de transformar en endurecidos combatientes. Se alquilan seis pequeñas casas donde se impone un régimen cuartelario, tan monástico como compartimentado. Estudios de «temas militares o revolucionarios», salidas vigiladas, siempre en pareja, comidas a horas fijas. Nada de alcohol, nada de llamadas telefónicas.”*⁴⁸

El 8 de enero, Ernesto, en una carta dirigida a su madre, comenta: *“sigo con la esperanza de acabar este año un par, o un par de pares de trabajos científicos o pseudocientíficos por lo menos. Estoy fuerte, optimista, subo frecuentemente a los volcanes, voy frecuentemente a visitar ruinas, leo frecuentemente a San Carlos [Marx] y sus discípulos, sueño con ir a estudiar la cortisona [Unión Soviética]... El crío nace en la última semana de febrero. Después de marzo (congreso de alergia) decido mi vida en el año administrativo 56-57.”*⁴⁹

Ernesto sigue sin comentar nada sobre sus proyectos políticos. De esto solo lo sabe Hilda: *“Ernesto me confió que en enero empezaría la preparación para el viaje a Cuba. Por aquel entonces no se conocía en qué barco sería la travesía desde las costas mexicanas a las playas de Cuba... al terminal en el hospital, a eso de las dos de la tarde, se iba con los cubanos a un gimnasio para practicar lucha, basketball, fulbito, etc. Al principio llegaba a casa todo adolorido y tenía que darle masajes con alimentos y frotaciones, de los que usan*

47 Citado por Guevara L. 2001, *op. cit.*, p. 121

48 Kalfon, *op. cit.*, p. 163

49 Citado por Guevara L. *op. cit.* pp. 122 y 125

los atletas. De esa manera comenzaron los preparativos para [la expedición], luego me diría: después iremos a un campo para prepararnos en el terreno, sólo cuando terminemos ese entrenamiento podremos ir a los barcos... Además de entrenarse por la tarde, se reunían por las noches en una especie de círculos políticos para estudiar algunas obras marxistas y discutían los problemas de Cuba y de Latinoamérica”⁵⁰. Éste “sigue trabajando en el hospital, se las arregla para acompañar cuando puede a sus nuevos compañeros en sus sesiones de entrenamiento físico: largas marchas –está acostumbrado- por la extensa avenida Insurgentes que atraviesa la ciudad a lo largo de cuarenta kilómetros; horas y horas de remos en el lago del parque de Chapultepec; aprendizaje de combate cuerpo a cuerpo en un gimnasio amigo.”⁵¹

Durante todo el proceso de preparación militar, “una figura clave para concretar los planes de Fidel es un tuerto singular, que ha perdido su ojo en combate, Alberto Bayo, ex coronel del ejército republicano español exiliado en México [había escrito el libro “750 preguntas a un guerrillero”]. Fidel había tomado contacto con él desde 1955. Bayo le ofrece, al conocer los planes del revolucionario cubano, darles una serie de conferencias sobre la guerra de guerrillas. Fidel no sólo le toma la palabra, sino que lo empuja más allá, recordándole a Bayo que él también es de origen cubano, y le pide que entrene al grupo que habrá de integrarse.”⁵²

Huertas afirma que “Bayo quiso que adquirieran conciencia desde el primer día de que la empresa que iban a emprender resultaba descomunal. Después de exponerles que su misión consistía en derrotar a un ejército regular compuesto por 70.000 hombres, una división blindada, en Marina de guerra en formación y un centenar de aviones, entre combate y transporte, le planteó fríamente que su cometido no era para valientes sino para gigantes heroicos,”⁵³

En febrero los entrenamientos aumentan de intensidad y “adquieren un matiz de riesgo y seriedad, Fidel consigue permiso para que él y sus hombres practiquen en un campo de tiro llamado Los Gamitos, en las afuera de la ciudad de México”⁵⁴. El 9 de ese mes Ernesto escribe una carta a su padre, en ella le comenta: “sería magnífico que la vieja pudiese sacarse el entripado y venir a conocer al nieto, junto con nuera y todo, y sería mejor todavía que lo hiciera rápido, para que pueda ser en México, que es un país que vale la pena conocer, pues hay muchas probabilidades de que el próximo año no estemos aquí”⁵⁵. Implícitamente, Ernesto anticipa un nuevo cambio de residencia, sin que los padres imaginen la poderosa razón.

Por otra parte, el 12 de febrero llegan nuevos fidelistas al puerto de Veracruz, Juan Almeida, Antonio López e Israel Cabrera, llegando a ser medio centenar.

50 Gadea, *op. cit.*, pp. 148-149 y 153

51 Kalfon, *op. cit.* p. 164

52 Taibo, *op. cit.*, p. 107

53 Huertas, *op. cit.*, pp. 177-178

54 Taibo, *op. cit.* p. 105

55 Citado por Guevara L. *op. cit.*, p. 126

EL NACIMIENTO DE HILDITA

En medio de esa vorágine, el 14 de febrero, *“Ernesto e Hilda se mudaron a un apartamento más grande en otro piso del mismo edificio de la calle Nápoles. Aquella misma noche, Hilda se puso de parto y dio a luz al día siguiente”*⁵⁶. Hilda lo recuerda: *“me llevó al Sanatorio Inglés [calle Víctor Hugo 78], y en la noche, como a las diecinueve horas del 15 nació la niña... Le puso Hilda por mí y Beatriz por una tía a quien quería muchísimo... Al tercer día me llevó a casa, y esa misma noche recibimos la visita de Fidel. Fue la primera visita que recibió Hildita.”*⁵⁷

El nacimiento de su primer hijo representó para Ernesto un acontecimiento muy importante, en su diario consignará: *“desde el 15 de febrero de 1956 soy padre: Hilda Beatriz Guevara es la primogénita”*⁵⁸. En su honor le escribe un poema:

El pétalo más profundo del amor
(fragmento)

Su tallo más vigoroso
tuvo corteza argentina
y la firmeza del tronco
era de montaña andina.

Perú le dio su raza
suave, fina, piel morena
y México con su tierra
la dejó de gracia llena.

Días después, el 25 de febrero, en una carta le da la buena nueva a su madre de que ahora es abuela. La llegada de Hildita no detiene el proyecto de Ernesto, quién sigue concentrado en su preparación militar. El 17 de marzo, Sánchez, instructor de tiro en el campamento de Chalco escribe un reporte sobre la actuación de Guevara en el polígono de tiro: *“asistió a 20 clases regulares de tiro, un excelente tirador con aproximadamente 650 proyectiles (disparos). Disciplina excelente, capacidad de liderazgo excelente, resistencia física excelente. Algunas amonestaciones disciplinarias por pequeños errores en la interpretación de órdenes y leves sonrisas.”*⁵⁹

Ante su nueva responsabilidad como papá, Ernesto junto con sus compañeros, continúan con arduas tareas de preparación física. *“El entrenamiento lo inician con largas marchas por la inmensa urbe, también reman en el lago de Chapultepec. El recorrido es por parejas y parten del Monumento a la Revolución Mexicana, en el centro de la Plaza de la República. De allí toman hacia Paseo de la Reforma y las avenidas de los Insurgentes y*

56 Anderson, *op. cit.* p. 179

57 Gadea, *op. cit.*, p. 156

58 Guevara E. 2001, *op. cit.* p. 95

59 Citado por Anderson, *op. cit.*, p. 181

de Juárez⁶⁰, también asisten a un gimnasio ubicado en la calle de *Bucareli* 18 para recibir entrenamiento por parte del luchador mexicano Dick Medrano (Avelino Hernández Palomo) esposo de María Antonia, asimismo, inician recorridos al cerro del Chiquihuite partiendo desde el cine Lindavista, en la Avenida Insurgentes Norte.



Imagen 9: Ernesto remando en el lago de Chapultepec

ERNESTO SE CONVIERTE EN EL CHE

En las memorias de Bayo asienta *“que la voluntad obsesiva de Ernesto de hacerlo todo bien, de superarse, de nunca fallar, la abrumadora competencia consigo mismo y con sus límites, lo convirtió en el “número uno de la promoción y tuvo nota máxima... Y es en esos días que definitivamente el doctor Ernesto Guevara, reclutado como médico de la expedición, se vuelve El Che”*⁶¹. Años más tarde, éste confesaría: *«Para mí, “Che” significa lo más importante, lo más querido de mi propia vida. ¿Cómo no gustarme? Todo lo anterior, el nombre y el apellido son cosas pequeñas, personales, insignificantes.»*⁶²

El Che continúa con sus labores de milicia, en tres meses, el coronel Bayo *“les enseñó la teoría y la práctica de la guerrilla: tirar con pistola, rifle y ametralladora; fabricar bombas para destruir tanques y volar barricadas; captar y derribar aviones; camuflarse y esconderse; transportar y atender heridos; atravesar la selva sin ser descubiertos”*⁶³. Bayo y el Che, refiere Anderson, *“encabezan excursiones y marchas nocturnas que se prolongaban desde el crepúsculo hasta el amanecer. Cuando no avanzaban con dificultad a través de la maleza, realizaban simulacros de combate y montaban guardia.”*⁶⁴

60 Gálvez, *op. cit.* p. 387

61 Taibo, *op. cit.*, pp. 109-110

62 Citado por Salgado, 1970, pp. 90-91

63 *Ibid.*, p. 90

64 Anderson, *op. cit.*, p. 184



Imagen 10: El Che practicando tiro en el rancho Santa Rosa

Durante los siguientes meses el Che redacta varias cartas dirigidas a sus padres en la que muestra su convicción marxista y deja latente su interés por ir a Cuba:

Abril 13: *“Pasaré entonces a hablar de la chamaca [Hildita]: estoy muy contento con ella; mi alma comunista se expande pletórica; ha salido igualita a Mao Tsé Tung”.*

Mayo 9: *“El paso siguiente puede ser E.E.U.U. (muy difícil), Venezuela (factible) o Cuba (probable). Pero mi meta irrenunciable sigue siendo París.”*⁶⁵

En la segunda quincena de mayo, el Che renuncia a su cargo de médico en el Hospital General y se concentra casi exclusivamente en los entrenamientos. Al respecto recuerda Gadea: *“Ernesto me dijo que se iba de campo, que necesitaban pasar un campamento en cierto lugar y que de allí probablemente partirían hacia Cuba, aunque ignoraba la fecha. Me prometió que haría lo posible por comunicarse conmigo.”*⁶⁶

Después de la fase de preparación en Los Gamitos, el Che y varios de sus compañeros se trasladan al rancho Santa Rosa (16 km de largo por 9 km de ancho), ubicado en el poblado de Ayapango, a 3 km de Chalco, Estado de México. El excoronel Bayo funge como jefe del campamento, impartiendo las clases teóricas, el *coreano* dirige las prácticas y el Che como el médico del grupo.

El programa de entrenamiento era muy extenuante y constaba de *“dos campamentos en la montaña, a cinco y diez kilómetros respectivamente del rancho, allí pernoctarán el tiempo que duren las clases... Luego del tiro, realizan las marchas diurnas, de cinco o seis kilómetros, que se extenderán a ocho o nueve, con bastante peso en las mochilas, el fusil 250 tiros y cantimplora. La última etapa es de noche hasta el amanecer. El recorrido deben hacerlo orientándose por brújula, en silencio, sin fumar; en algunos tramos hay que*

⁶⁵ Citado por Guevara L. 2001, *op. cit.*, pp. 92-96, 128 y 130

⁶⁶ Gadea, *op. cit.*, p. 160

*valerse de sogas para caminar en una total oscuridad y pasar farallones, en otros avanzan a rastras, o marcha forzada. Algunas noches duermen al aire libre y hacen las guaridas con temperatura a punto de congelación.”*⁶⁷

De entre todas sus actividades, Ernesto “consolidaba sus conocimientos sobre marxismo. Resumió sus viejos cuadernos filosóficos en un solo tomo. El último cuaderno filosófico, de algo más de trescientas páginas mecanografiadas, refleja la concentración de sus intereses y el estudio profundo de Marx, Engels y Lenin.”⁶⁸

EL CHE ES APRESADO

El 20 de junio por la noche, la historia dará un giro inesperado, *Fidel se encuentra en una de las casas de seguridad de Kepler [26] “acompañado por Ramiro Valdés, Cándido González y Universo Sánchez; en la casa se encuentra Ciro Redondo y media docena de reclutas más. De repente, los cubanos descubren, a través de la ventana, que unos sujetos extraños están revisando el carro de Ciro [un Packard verde con placas de Miami]... Oliéndose lo peor, Fidel divide al grupo, sale caminando con Universo y Ramiro, pero varias cuadras más adelante son asaltados por la policía; Fidel trata de oponer resistencia y saca la pistola, pero al ver que los policías armados usan como escudo a Universo y Ramiro, se rinde.*

La investigación en esta etapa se encuentra a cargo de Fernando Gutiérrez Barrios, un ex capitán del ejército mexicano de menos de 30 años, jefe de Control e Información de la Dirección Federal de Seguridad, de la Secretaría de Gobernación, quién recordará: “en el carro encontramos un plano que de momento no nos decía nada... comenzamos a estudiarlo y encontramos un lugar que suponíamos que podía visitar.”⁶⁹

A partir del plano confiscado, el 24 de junio, una caravana de automóviles de la policía acompañados por Fidel llegan a Chalco alrededor de las seis de la tarde. Calixto García, quién se encontraba dentro del rancho recuerda: “cuando llega la Federal estaba oscuro, de buenas a primeras sentimos ruidos y toamos precauciones para fajarnos con ellos; entonces se escucha la voz del Comandante en Jefe, que dijo: ¡Salgan todos! Explicada la situación, los federales ocupan el rancho y los pocos equipos militares que allí se encuentran; los detenidos son trece, encabezados por Ernesto”⁷⁰. El delator, apunta O’Donnell⁷¹, había sido Evaristo Venéreo.

Al otro día de la captura en el Rancho Santa Rosa, Gadea recuerda que los periódicos “a grandes titulares, hablaban de que un grupo de veinte o veintidós cubanos habían sido apresados, entre ellos un médico argentino, Ernesto Guevara. Haciendo fantásticas elucubraciones afirmaban que era un complot internacional... La Embajada argentina hizo

67 Gálvez, op. cit. p. 396

68 Anderson, op. cit., p. 180

69 Citado por Gálvez, op. cit. p. 402

70 *Ibid*, p. 404

71 O’Donnell, op. cit., p. 119

las averiguaciones pertinentes, comunicándome que Ernesto estaba en la cárcel de Miguel Schultz [136]... De inmediato fui a la cárcel, llevándole ropa limpia y comida. La primera semana no nos dejaron verlos, pero desde la siguiente pudimos visitarlos los jueves y domingos.”⁷²



Imagen 11: El Che en la cárcel de seguridad de Miguel Schultz

De esta fotografía “resalta el traje blanco del Che tendido en la primera fila como portero de futbol, la sonrisa blanquísima de Almeida y la actitud orgullosa de María Antonia, en el centro del grupo, con lentes oscuros y una pequeña bandera cubana. Fidel, siempre de traje, con bigote recortado, de nuevo el pelo muy corto, apoya la mano en la espalda de Almeida.”⁷³

En una de las primeras visitas de Hilda a la prisión, el Che le entrega el borrador de un malogrado poema:

Canto a Fidel
(fragmento)

Vámonos,
ardiente profeta de la aurora,
por recónditos senderos inalámbricos
a liberar el verde caimán que tanto amas.

Vámonos,
derrotando afrentas con la frente
plena de martianas estrellas insurrectas,
juremos lograr el triunfo o encontrar la muerte.

⁷² Gadea, *op. cit.*, pp. 168-169

⁷³ Taibo, *op. cit.*, p. 114

El 30 de junio, Ulises Petit de Murat, un escritor argentino exilado en México escribe una carta al padre del Che, comentándole sobre la situación de su hijo: *“postergué esta carta hasta entrevistarme con tu hijo. Estuve en la cárcel de migración. Allí reside en compañía de sus amigos cubanos de la fallida aventura anti-Batista. Desde luego el hijo de perra de Batista (como todos los militares) tiene a su disposición grandes recursos... Pero México no entregará a los conspiradores cubanos a Cuba. Eso es más que seguro... Te hablaré de Ernesto personalmente. Está muy bien de salud, su mujer e hijita son muy simpáticas, y la mujer, extraordinariamente animosa. Me recibió Ernesto a las risotadas, lee mucho y toma gran cantidad de sol en el patio de la cárcel. No quiere que se haga nada especial por él. Su actitud moral –esté uno o no de acuerdo con sus ideales- es estupenda.”*⁷⁴

Sobre la captura del Che, recuerda Hilda que él *“me contó que la policía sabía ya dónde estaban, posiblemente por los espías batistianos que trataban de seguirlos en todo momento. Hasta tenían fotos del rancho donde entrenaban, que enseñaron a Fidel, y estaban dispuestos a asaltar el rancho. Por tanto, Fidel tuvo que aceptar llevar a la policía hasta el lugar, en Chalco... Ernesto comentó: No hay duda de que aquí está metido el FBI para defender a Batista, que representa para ellos el dominio sobre los centrales azucareros y el comercio con la isla. A los mexicanos no les puede interesar tanto perseguir a los cubanos revolucionarios, máxime que ellos hicieron una revolución y saben lo que es tomar las armas.*

*Cuando fui a visitarlos, me encontré con la sorpresa de que las condiciones de Fidel fueron aceptadas por las autoridades, y que él con dieciocho más estaban en libertad. Sólo quedaban Ernesto y Calixto García, que no tenían sus papeles en orden. La tentativa de huelga de hambre dio su resultado positivo, y si no estaban todos libres era solamente por asuntos legales... Ernesto le propuso a Fidel seguir adelante con los planes, que no se detuvieran por culpa suya, pero Fidel expresó que lo esperaría y que además haría todo lo posible para liberarlo.”*⁷⁵

Tal como suponía el Che, el FBI estaba metido en esto. Así, *“según fuentes de la Dirección Federal de Seguridad, el cabecilla principal era nada menos que el médico argentino Ernesto Guevara de la Serna... vínculo principal entre los conspiradores cubanos y ciertas organizaciones comunistas de naturaleza internacional.”*⁷⁶

Este argumento lo respaldan Ratner y Smith al señalar que *“el arresto de Guevara aparece anotado en un documento de los Estados Unidos que dice que fue “arrestado en México en relación con el complot de Fidel Castro contra el presidente Batista de Cuba”*⁷⁷. En dicho documento del FBI, se afirma que: *“a su llegada a México, después de haber sido expulsado de Guatemala después de la caída del gobierno de Arbenz, Guevara se convirtió*

74 Citado por Guevara L. *op. cit.*, pp. 138-139

75 Gadea, *op. cit.*, pp. 170 y 174

76 Anderson, *op. cit.*, p. 186

77 Ratner y Smith, 2000, p. 58

en un protegido de Vicente Lombardo Toledano, quien lo aceptó como miembro activo del Partido Popular”⁷⁸ Socialista (PPS).

En tanto el Che permanece en prisión, su padre recuerda: *“llegó el mes de julio del año 1956. Las cartas anteriores ya no decían nada importante. Después supimos que Ernesto estaba muy ocupado y poco o nada podía escribir. Nosotros estábamos bastante despistados y todavía creíamos en las ocupaciones con que Ernesto nos entretenía... Supimos que Ernesto y algunos compañeros decidieron iniciar una huelga de hambre ni bien entraron en la cárcel. Todas estas noticias nos tenían muy preocupados. Acabábamos de enterarnos de su decisión con respecto a la revolución cubana y comenzábamos a darnos cuenta de que todas aquellas noticias sobre posibles cátedras o trabajos eran simplemente una cortina de humo para despistarnos y despistar a los servicios de información mexicanos, y especialmente a los norteamericanos, que estaban a la pesca de cualquier hilo para frustrar toda tentativa de invasión a la isla de Cuba.”*⁷⁹

En este contexto y desde la cárcel de seguridad, el 6 de julio Ernesto escribe una carta a su padre donde por primera vez le revela la situación imperante: *“hace un tiempo, bastante tiempo ya, un joven líder cubano me invitó a ingresar a su movimiento, movimiento que era de liberación armada de su tierra, y yo, por supuesto acepté. Dedicado a la ocupación de preparar físicamente a la muchachada que algún día debe poner los pies en Cuba, pasé los últimos meses manteniéndolos con la mentira de mi cargo de profesor. El 21 de junio (cuando hacía un mes que faltaba a mi casa en México pues estaba en un rancho de las fueras) cayó preso Fidel con un grupo de compañeros y en la casa figuraba la dirección donde estábamos nosotros, de manera que caímos todos en la redada. Yo tenía mis documentos que me acreditaban como estudiante de ruso, lo que fue suficiente para que se me considerara eslabón importante en la organización, y las agencias de noticias amigas de papá empezaron a bramar por todo el mundo. Eso es una síntesis de los acontecimientos pasados; los futuros se dividen en dos: los mediatos y los inmediatos. De los mediatos, les diré, mi futuro está ligado a la revolución cubana. O triunfo con esta o muero allá... Si por cualquier causa no puedo escribir más y luego me toca las de perder consideren estas líneas como de despedida, no muy grandilocuente pero sincera.”*⁸⁰

El tiempo sigue su marcha y gracias a la intervención directa del expresidente Lázaro Cárdenas, *“el 9 de julio, liberan a 20 detenidos con una fórmula extraña: invitados a abandonar el país en vista de que violaron su condición migratoria. Quedan en libertad vigilada Universo Sánchez, Ciro Redondo, el hijo del coronel Bayo y varios más con la simple obligación de ir a firmar una vez por semana y permanecen encarcelados tan sólo Fidel, Ernesto Guevara y Calixto García”*⁸¹. Años después, Cárdenas escribiría: *“saludé al señor presidente Ruiz Cortines, en su despacho de Los Pinos... Al final le transmití la solicitud*

⁷⁸ *Ibid.*, p. 49

⁷⁹ Guevara L., *op. cit.*, pp. 134-135

⁸⁰ Citado por Guevara L. *op. cit.* pp. 136-137

⁸¹ Taibo, *op. cit.*, p. 115

de un grupo de cubanos que, con el doctor Fidel Castro Ruz, fueron detenidos varios días por la policía y notificados que deberían marcharse del país quince días después, en cuya solicitud piden que al gobierno de México se les conceda su permanencia por carecer de relaciones para que se les admita en otros países. El señor presidente tuvo a bien acordar se les dé el asilo que piden.”⁸²

Al igual que lo había hecho con su padre, una semana después, el 15 de julio, Guevara escribe a su madre -firmando por primera vez como El Che-, para informarle sobre la realidad de su situación: “respecto a la huelga de hambre... dos veces la comenzamos, a la primera soltaron a 21 de los 24 detenidos, a la segunda anunciaron que soltarían a Fidel Castro, el jefe del Movimiento, eso sería mañana, de producirse como lo anunciaron, quedaríamos en la cárcel sólo dos personas. No quiero que creas, como insinúa Hilda, que los dos que quedamos somos los sacrificados, somos simplemente los que tienen los papeles en [malas] condiciones y por eso no podemos valernos de los recursos que usaron nuestros compañeros... Además, es cierto que después de deshacer entuertos en Cuba me iré a otro lado cualquiera y es cierto también que encerrado en el cuadro de una oficina burocrática o en una clínica de enfermedades alérgicas estaría jodido... Tu hijo, El Che.”⁸³

Siguiendo con su comunicación epistolar, el 20 de julio el Che escribe una carta a su tía Beatriz, sin comentarle nada sobre los acontecimientos políticos, para distraerla le dice que piensa “ir de nuevo al Popocatepetl como entrenamiento para atacar el pico de Orizaba en septiembre pues éste ya exige cierto grado de pericia y resistencia.”⁸⁴

El 24 de julio y tras dos huelgas de hambre, Fidel sale de prisión, “había llegado a algún tipo de acuerdo con el funcionario policial mexicano de veintisiete años, dos menores que él. Aunque ni Gutiérrez Barrios ni Fidel jamás divulgaron los detalles del pacto, es evidente que la ayuda del mexicano fue clave para la liberación posterior de Castro.”⁸⁵

El 31 de julio, después de 37 días en prisión, el Che y Calixto abandonan la cárcel. En una de sus declaraciones ante las autoridades, a diferencia de lo que había declarado Fidel, ser un “patriota reformista en la mejor tradición occidental, nacionalista y demócrata, el Che se exhibía sobre sus convicciones marxistas... [Esas declaraciones] eran extraordinariamente temerarias porque brindaban a los enemigos de Fidel las armas que necesitaban.”⁸⁶

Taibo señala que “a lo largo de estos últimos meses se producen varias entrevistas clave, que definen las relaciones de los futuros invasores con las fuerzas sociales opositoras en el interior del país... La primera y quizá la más importante, sucede en los primeros días de agosto, recién salido Fidel de la cárcel, cuando Frank País, un joven maestro de escuela y el hombre clave en la organización revolucionaria en el oriente cubano se entrevista por

82 Citado por Medina, *op. cit.*, p. 94

83 Guevara E. 2001, *op. cit.*, pp. 177-178

84 Citado por Guevara L. *op. cit.*, p. 108

85 Anderson, *op. cit.*, p. 188

86 *Ibid*, pp. 187-188

primera vez con Fidel... Es también [el 30 de] agosto que Fidel se entrevista con la otra figura central de la oposición de la izquierda democrática, el dirigente estudiantil y del Directorio Revolucionario, José Antonio Echeverría, en la Ciudad de México se firma entre ambos una carta común y se traza un pacto de coordinación revolucionaria”⁸⁷ denominada Carta de México.

SE ACELERAN LOS PREPARATIVOS

Una vez liberado el Che, recuerda Hilda: “se dedicó a arreglar sus papeles, a contestar la correspondencia que le había llegado y a escribir a la familia de Buenos Aires. Así pasó tres días en casa. Alistó sus cosas y se despidió, prometiéndome que estaría en contacto conmigo... A la primera semana de ausencia me envió un papel, con un compañero, Aldama, indicándome que fuese con la niña a Cuautla... al comprobar que la discreción había hecho que la policía les perdiera el rastro, adquirieron mayor confianza... empezó a volver a casa los fines de semana. Salíamos a pasear al Bosque de Chapultepec, nos quedábamos en casa o íbamos al cine o al teatro... Uno de esos fines de semana trajo una serie de apuntes con recomendaciones e instrucciones para atender heridos en caso de urgencia... Me explicó que, aunque él iría como médico de la expedición, combatiría, y que era imprescindible enseñar a algunos compañeros, especialmente lo que tuviesen disposición para la enfermería, la forma de aplicar primeros auxilios y atender heridos, inclusive heridos graves, cuando no pudiesen trasladarlos a donde hubiera especialistas.”⁸⁸

A principios de septiembre, Fidel pide al Che y a Calixto que se refugien en Ixtapan de la Sal, sin embargo, tras un ataque de asma del primero, se trasladan a Toluca, ciudad con un clima más seco. Después reciben órdenes de reunirse en Veracruz con otros expedicionarios y finalmente retornan a la Ciudad México. En esa ocasión, el Che se aloja en una casa de Lindavista, mientras que otros de sus compañeros se esconden en diversas casas de seguridad ubicadas en Morena 323, colonia del Valle; Coahuila 129, colonia Roma y México 33 colonia Condesa.⁸⁹

Ese mismo mes, “durante un recorrido de Fidel con el Cuate por el río Tuxpan, en búsqueda de un lugar para probar armas, observan un yate, con el nombre de Granma. Al conocer que está en venta”⁹⁰ contactan con el dueño, Robert Erikson y se lo compra en dieciocho mil dólares. Cabe resaltar que el barco estaba muy deteriorado, debido a un ciclón que lo dejó un tiempo semihundido.

El 15 de octubre se reinician los entrenamientos en el rancho María de Ángeles, en Abasolo, Tamaulipas, con 36 nuevos reclutas. El Che y otros de sus compañeros

87 Taibo, *op. cit.*, p. 119

88 Gadea, *op. cit.*, p. 186

89 Tello, 2016, p. 5

90 Gálvez, *op. cit.* p. 418

permanecen en un departamento en la calle de Anaxágoras, Colonia del Valle. Algunos fines de semana *éste va a visitar a su esposa e hija*. Al respecto Hilda recuerda: “*una de esas noches de lectura y conversación, me recitó un poema dedicado a la niña: A Hilda Beatriz, adolescente... La llamaba el pétalo más profundo del amor.*”⁹¹

En octubre el Che envía una carta a su madre en la que comenta: “*yo, en tren de cambiar el ordenamiento de mis estudios: antes me dedicaba mal que bien a la medicina y el tiempo libre lo dedicaba al estudio en forma informal de San Carlos [Marx]... La nueva etapa de mi vida exige también el cambio de ordenación; ahora San Carlos es primordial, es el eje, y será por los años que el esferoide me admita en su capa más externa.*”⁹²

El Che también le escribe una carta a su amiga Tita Infante, en la que comenta: “*hace tiempo, unos muchachos cubanos, revolucionarios, me invitaron a que ayudara al Movimiento con mis conocimientos médicos y yo acepté porque Ud. debe saber que es el tipo de laburo que me piace. Fui a un rancho en las montañas a dirigir el entrenamiento físico, vacunar las huestes, etc., pero me puse tan salado (cubanería) que la policía arreó con todos, y como yo estaba chueco (mexicanada) en mis papeles me comí 2 meses de cárcel... De esto hace 3 meses y todavía estoy por aquí, aunque escondido y sin horizonte en México. Sólo espero ver qué pasa con la Revolución; si sale bien, voy para Cuba, si sale mal empezaré a buscar país adonde sentar mis reales. Este año puede dar un vuelco en mi vida... Tal vez le interese saber que mi vida matrimonial está casi totalmente rota y se rompe definitivamente el mes que viene, pues mi mujer se va a Perú a ver a su familia, de la que está separada desde hace 8 años. Hay cierto dejo amarguito en la ruptura, pues fue una leal compañera y su conducta revolucionaria fue irreprochable durante mis vacaciones forzadas, pero nuestra discordancia espiritual era muy grande y yo vivo con ese espíritu anárquico que me hace soñar horizontes.*”⁹³

Los avances en la preparación de la expedición continúan, a fines de octubre se suman más cubanos, “*cuarenta flamantes reclutas revolucionarios llegaron a México desde Cuba y Estados Unidos. Perdido el Rancho San Miguel, tuvieron que entrenarse en bases alejadas: una en [Abasolo] Tamaulipas, cerca de la frontera con Estados Unidos, y otra en Veracruz*”⁹⁴. Así, por ejemplo, “*retorna el médico Faustino Pérez de la Habana; se suma Camilo Cienfuegos, el sastre, mago del pluriempleo, con la cicatriz en la pierna producto de un disparo policiaco obtenido en las manifestaciones estudiantiles. Persiguiendo el rumor de que “algo grande se cocina en México”, se ha lanzado a descubrirlo para participar en ello desde su exilio en Estados Unidos, se incorpora Efigenio Ameijeiras.*”⁹⁵

En una carta fechada el 15 de noviembre, el Che escribe a su madre: comentándole: “*pocas novedades puedo darte de mi vida, pues ahora sólo hago un poco de gimnasia,*

91 Citado por Gálvez, *op. cit.*, p. 419

92 Guevara E. 2001, *op. cit.*, p. 184

93 *Ibid.* pp. 186-187

94 Anderson, *op. cit.*, p. 192

95 Taibo, *op. cit.*, p. 118

leo una barbaridad, particularmente de los que ya te imaginás, y veo a Hilda algunos fines de semana... Tenía preparado un proyecto de vida con diez años de vagabundeo, años posteriores de estudio de medicina, y después, si quedaba tiempo, internarme en la gran aventura de la física. Todo aquello es pasado; lo único que está claro es que los diez años de vagabundeo tienen visos de ser más (salvo que circunstancias imprevistas supriman todo vagabundeo), pero ya será de un tipo totalmente diferente al que soñé y cuando llegué a un nuevo país no será para recorrer tierras, ver museos y ruinas, sino además (porque aquello siempre me interesa) para unirme a la lucha del pueblo.”⁹⁶

DOS DESERCIONES Y UN TRAIADOR PRECIPITAN LA EXPEDICIÓN

A mediados de noviembre, Gutiérrez Barrios, quién ocasionalmente seguía viendo a Fidel, le comentó que los estaban traicionando: el personaje era Rafael del Pino, un ex discípulo suyo en la época de la universidad.

Por otra parte, el 21 del mismo mes “se producen dos deserciones en el rancho de Abasolo y esto pone en peligro todo el plan. Fidel toma la decisión: La orden de movilización comienza a circular entre los grupos dispersos [Ciudad de México, Veracruz y Tamaulipas] de los futuros invasores... La cita es el 24 en un embarcadero río Tuxpan arriba, a pocos kilómetros del pequeño puerto en el estado de Veracruz. El Che recuerda: la orden de partida nos llegó de golpe, y todos tuvimos que salir de México tal como estábamos, en grupos de a dos o tres. Teníamos un traidor entre nosotros, y Fidel había ordenado que no bien llegara la orden había que salir con lo que tuviera a mano, para evitar que el traidor diera aviso a la policía. El Che deja la cama deshecha, la bombilla de mate tirada y los libros abiertos, Días más tarde, cuando sus amigos se inquietan y abren el cuarto violentando el candado, descubren los restos de sus lecturas finales en México: “El Estado y la revolución” de Lenin; “El capital” de Marx; una obra de Germán Arciniegas; un manual de cirugía de campaña, y “Cómo opera el capital yanqui en Centroamérica.”⁹⁷

El 23 de noviembre Faustino Pérez “recibe la orden de trasladar a los hombres en pequeños grupos hacia Tampico, para el 24 continuar a Tuxpan. Desde Veracruz parten hacia Jalapa... De los que salen de la capital, unos marchan a Pachuca, vía Villa Juárez [y] Poza Rica... A pesar de que meteorología anunció mal tiempo y prohibición de la navegación para las embarcaciones menores, la orden de partir no puede suspenderse debido al posible peligro de ser apresados.”⁹⁸

⁹⁶ Guevara E. 2001 *op. cit.* p. 184

⁹⁷ Taibo, *op. cit.*, p. 121

⁹⁸ Gálvez, *op. cit.* pp. 427-428



Imagen 12: El Che (derecha) con expedicionarios del Granma

Fidel recordará que *“el número de hombres en el Granma era de 82, algunos restantes no pudimos traerlos... Además de los “gordos”, un cuadro clave como Pedro Miret se ha quedado en tierra esperando juicio en México, El Patojo ha sido rechazado por Fidel, que no quiere que la expedición se vuelva una “legión extranjera”. El Cuate quedará excluido y su participación en el final de la expedición se limitará a recorrer el golfo de México hasta Isla Mujeres en previsión de que el Granma pueda sufrir una avería técnica, Bayo será rechazado por razones de edad y nada podrá consolarlo; el propio Vanegas tendrá que despedirse del Che llorando.”*⁹⁹

Ustariz describe la situación *“las provisiones son escasas: dos mil naranjas, dos jamones rebanados, cuarenta y ocho latas de leche condensada, una caja de huevos, cien tabletas de chocolate y cuatro kilos de pan”*¹⁰⁰ y Cormier complementa: *“los hombres se apiñan a punto de asfixiarse. Entre ellos figuran veinte sobrevivientes del ataque del Moncada y cuatro no cubanos: el italiano Gino Donne, el mexicano Guillén, el piloto dominicano Ramón Mejías y el argentino Ernesto Guevara. Éste último en calidad de médico, pero con el grado de teniente”*¹⁰¹. Tres de los expedicionarios: Rolando Moya, César Gómez y Arturo Chaumont, más tarde se convertirían en traidores al movimiento.

Años después del desembarco a la isla, el Che recuerda: *“el 25 de noviembre de 1956, a las dos de la madrugada, empezaban a hacerse realidad las frases de Fidel, que habían servido de mofa a la prensa oficialista: en el año 1956 seremos libres o seremos mártires. Salimos con las luces apagadas, del puerto de Tuxpan, en medio de un hacinamiento infernal de materiales de toda clase y de hombres. Teníamos muy mal tiempo y, aunque la navegación estaba prohibida, el estuario del río se mantenía tranquilo. Cruzamos la boca del puerto yucateco y, a poco más, se encendieron las luces. Empezamos la búsqueda frenética de los antihistamínicos contra el mareo, que no aparecían, se cantaron los himnos*

99 Citado por Taibo, *op cit.* p. 122

100 Ustariz, 2008, p. 83

101 Cormier, *op. cit.*, p. 99

nacionales, cubano y del “26 de Julio” quizá durante cinco minutos en total, y después el barco entero presentaba un aspecto ridículamente trágico; hombres con la angustia reflejada en el rostro, agarrándose el estómago. Unos con la cabeza metida dentro de un cubo y otros tumbados en las más extrañas posiciones, inmóviles y con las ropas sucias por el vómito. Salvo dos o tres marinos y cuatro o cinco personas más, el resto de los ochenta y tres tripulantes se marearon, Pero al cuarto o quinto día el panorama general se alivió un poco... Habían sido siete días de hambre y de mareo continuos durante la travesía, sumados a tres días más, terribles, en tierra. A los diez días exactos de la salida de México, el 5 de diciembre de madrugada, después de una marcha nocturna interrumpida por los desmayos y las fatigas y los descansos de la tropa, alcanzamos un punto conocido paradójicamente por el nombre de *Alegría del Pío*.”¹⁰²

El balance de la travesía no sería nada alentador, de “los 82 expedicionarios, 20 morirían al desembarcar, 21 serían encarcelados, 21 más desaparecerían y sólo 20 alcanzarían la Sierra Maestra, donde habrían de comenzar la guerra de liberación.”¹⁰³

El año de 1956 marcará significativamente la vida de Guevara: Ernesto pasará a ser conocido en el mundo como el Che, e iniciará un proceso revolucionario por distintas tierras del mundo: Cuba, el Congo y Bolivia, donde finalmente caerá abatido. Sin duda, se erigirá como una figura que a lo postre la historia lo convertirá en una leyenda.

REFERENCIAS

Anderson J. (1997) Che una vida revolucionaria. Emece, Barcelona, 704 p.

Ariet G. (2010) El pensamiento político de Ernesto Che Guevara. Ocean Sur, México, 223 p.

Cormier J. (1997) La vida del Che. Mística y coraje. Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 368 p.

Gadea H. (2017) Mi vida con el Che. Comisión Organizadora de los 50 Años de la Gesta Heroica del Che, Callao, 271 p.

Gálvez Rodríguez W. (2002) Viajes y aventuras del joven Ernesto. Ruta del guerrillero. Editorial Ciencias Sociales, Habana, 442 p.

Giménez S. (2015) Personajes de la historia Che Guevara. Edimat, Madrid, 189 p.

Guevara E. (1964) Pasajes de la guerra revolucionaria. Ediciones Huracán, La Habana, 283 p.

Guevara E. (2001) Otra vez. Diario inédito del segundo viaje por Latinoamérica. Ediciones B, Barcelona, 187 p.

Guevara E. (2002) Obras completas. Andrómeda, Buenos Aires, 699 p.

¹⁰² Guevara E. 1964, pp. 13-14

¹⁰³ Tello, *op. cit.* p. 4

- Guevara L. (1988) Aquí va un soldado de América. Planeta, México, 170 p.
- Huertas P. (2015) Guevara Che. Libsa, Madrid, 288 p.
- Kalfon P. (1997) Che. Ernesto Guevara, una leyenda de nuestro siglo. Plaza y Janés, México, 674 p.
- Medina N. (2007) ¿Te acordás, Che comandante? Ediciones Eón, México, 168 p.
- O'Donnell P. (2003) La Vida por un mundo mejor Che. Plaza & Janés, México, 571 p.
- Ratner M. y Smith M.E. (2000) El Che Guevara y el FBI. Siglo XXI, México, 334 p.
- Salgado E. (1970). Radiografía del Che. Dopesa, Barcelona, 207 p.
- Taibo P.I. (1996) Ernesto Guevara también conocido como el Che. Planeta/Joaquín Mortiz, México, 860 p.
- Tello Díaz Carlos (2016) "Fidel Castro zarpa de Tuxpan en el Granma". Revista Nexos, 2016
- Ustariz A. (2008) Che Guevara, Vida, muerte y resurrección de un mito, Nowtilis, Madrid, 445 p.

Imágenes

- Casaus V. (2007) Che desde la memoria. Ocean Sur, Melbourne, 305 p. Imágenes 3, 7 y 12
- Gadea H. (2017) Mi vida con el Che. Comisión Organizadora de los 50 Años de la Gesta Heroica del Che, Callao, 271 p. Imágenes 2, 4 y 5
- Guevara E. (2001) Otra vez. Diario inédito del segundo viaje por Latinoamérica. Ediciones B, Barcelona, 187 p. Imágenes 8, 10 y 11
- Sainz A. (2018) Imágenes 6 y 9
- Sánchez M. (1997) Che sueño rebelde. Editorial Diana, México, 223 p. Imagen 13
- Viaja bonito mx: <http://www.viajabonitomx.com/2014/05/ciudad-mexico-imagenes-antiguas-fotos.html>:
Internet: 1

ÍNDICE REMISSIVO

A

América Latina 7, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 66, 67

Américas 59, 60, 62, 63, 66, 67

B

Brasil 32, 33, 34, 35, 37, 40, 41, 44, 45, 46, 48, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68

C

Campo 9, 16, 19, 33, 35, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Carta 2, 3, 5, 7, 10, 12, 15, 16, 17, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 36, 40, 45, 46

Caudilho 31, 32, 33, 35, 37, 39

Ciudad 1, 2, 3, 4, 6, 8, 11, 13, 16, 25, 27, 30

Construção 46, 47, 50, 51, 54, 56, 57, 59, 60, 64, 65, 66, 67, 68

Cuba 1, 7, 8, 9, 10, 15, 16, 19, 22, 23, 24, 26, 29

Cubanos 2, 7, 9, 10, 13, 15, 16, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 28

D

Defesa 37, 59, 60, 62, 63, 66, 67

E

Educação 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 64, 66, 68, 69

Educacionais 42, 43, 45, 48, 51, 52, 54, 55, 57

Ensino 43, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 54, 68

Escola 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 62

Escolas 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 58, 65

Escribe 2, 3, 5, 6, 12, 14, 15, 16, 17, 22, 23, 24, 26, 27

Estado 11, 19, 27, 31, 32, 33, 34, 35, 45, 46, 47, 48, 51, 52, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68

F

Farrapos 31, 32, 33, 34, 36, 37, 39, 41

Formação 31, 32, 42, 43, 45, 46, 52, 53, 54, 57, 65

G

Guatemala 1, 2, 3, 4, 5, 9, 23

Guerra 5, 16, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68

Guevara (Che) 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30

H

Hegemonia 59, 60, 61, 64, 65, 67

História 31, 32, 39, 42, 43, 45, 50, 52, 53, 56, 57, 62, 66, 68, 69

I

Império 31, 32, 33, 34, 35, 37, 40

L

Livro 31, 32, 35, 36, 37, 38

M

México 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30

N

Nacional 7, 40, 41, 42, 43, 46, 52, 53, 56, 57, 59, 60, 67

P

Pesquisa 44, 47, 54, 57, 69

Política 1, 2, 3, 9, 37, 46, 53, 55, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68

Políticas públicas 42, 47, 51, 52, 53, 56, 58

Porto Alegre 40, 41, 68

R

República 5, 18, 31, 32, 33, 35, 36, 38, 40

Revista 30, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 66, 67, 68

Rio 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 57, 60, 64, 67, 68

Rio Grande do Sul 31, 32, 33, 34, 35, 40

Rural 37, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 68

S

São Paulo 40, 41, 56, 57, 58, 60, 67, 68

Segunda Guerra Mundial 59, 60

T

Tiempo 2, 4, 5, 7, 12, 13, 20, 23, 24, 26, 27, 28, 29

V

Vida 1, 3, 5, 7, 13, 15, 18, 26, 27, 29, 30, 35, 37, 39, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 55, 60, 61, 63,

65, 66, 67

HISTÓRIA POLÍTICA:


Cultura, trabalho e narrativas

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



HISTÓRIA POLÍTICA:

Cultura, trabalho e narrativas

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

